

## NOTICIÁRIO

### CINQUENTENÁRIO DE UM CONGRESSO

Na primeira semana de setembro transcorreu o cinquentenário de importante evento cultural realizado em Florianópolis: o 9º Congresso Brasileiro de Geografia. Seu significado foi muito grande. Desde 1926, portanto fazia já 14 anos que não se realizava congresso dessa natureza no Brasil. Convém lembrar que a idéia de congressos geográficos periódicos partira de um catarinense, José Artur Boiteux (1868-1932), e pela primeira vez realizava-se o evento em seu estado natal. Porém, Boiteux já havia falecido, não tendo portanto ocasião de testemunhas o significado e o alcance do que resultou de sua própria iniciativa.

O lapso de tempo decorrido entre o congresso anterior e o de Florianópolis propiciou profundas transformações no ensino e no trato de ciência geográfica em nosso país. Duas circunstâncias contribuíram para isso. Primeiro, a criação das Faculdades de Filosofia (São Paulo e Rio de Janeiro), nas quais, pela primeira vez a Geografia foi tratada em nível universitário, com a contribuição de renomados mestres franceses, como Deffontaines, Monbeig, Ruellan e outros. Segundo, a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e, com ele, o Conselho Nacional de Geografia, que passou a tratar a ciência geográfica como matéria de utilidade pública. Tanto as Faculdades de Filosofia, como o Conselho Nacional de Geografia, participaram ativamente do Congresso de Florianópolis, que teve a presidência Bernardino José de Sousa, figura exemplar de estudioso de temas brasileiros. Daí ter-se dito, na ocasião, que o congresso de Florianópolis, embora já o nono, deveria, na realidade, ser considerado o primeiro, pois pela primeira vez nele fora tratada a Geografia de maneira científica e não puramente descritiva ou enumerativa.

Os *Anais* do congresso de 1940, publicados dois ou três anos depois, em cinco alentados volumes totalizando mais de duas mil páginas, af estão a testemunhar a variedade e a riqueza do material levado à apreciação de congressistas de todo o Brasil.

Decidira-se em Florianópolis que o congresso seguinte, daí a dois anos, deveria realizar-se em Belém do Pará, mas tal não ocorreu. O próprio Conselho Nacional de Geografia chamou a si a promoção do décimo congresso, no Rio de Janeiro, em 1944. E nenhum outro depois foi realizado...

Para mim, é gratificante recordar o congresso de Florianópolis, pois foi para ele que elaborei meus trabalhos de pesquisa geográfica: um estudo sobre a evolução urbana de Jaboticabal e outro sobre a evolução ferroviária de São Paulo. Ambos foram aprovados e incluídos nos respectivos *Anais*. O primeiro ficou na sua forma original, nunca tendo sido a tema retomado por qualquer outro estudioso, nem da própria cidade de Jaboticabal. O segundo, revisto e consideravelmente aumentado, veio a transformar-se no livro *Café e Ferrovias*, que acaba de sair em quarta edição. Eis porque não posso deixar de recordar com real emoção o cinquentenário de evento tão ligado à minha carreira, verdadeiro ponto de partida, pelo menos no que se refere à Geografia, de meio século de atividades consagradas ao estudo e à pesquisa de temas brasileiros.

Dois temas mereceram particular atenção no Congresso de 1940, pela grande quantidade de trabalhos apresentados: a geografia urbana e a geografia dos transportes e das comunicações.

Gilberto Freyre havia, pouco antes, publicado em jornal do Rio de Janeiro pequeno artigo chamando a atenção para o estudo geográfico das cidades. Foi quanto bastou para que Pierre Monbeig, geógrafo francês então lecionando na Universidade de São Paulo, elaborasse excelente monografia sobre o assunto e, mais ainda, estimulasse seus alunos do curso de Geografia a estudos sobre diversas cidades. E como se não bastasse, levou-os a figurarem no congresso de geografia marcado para daí a alguns meses na capital catarinense. Assim, nos respectivos *Anais* podem ser lidas as monografias referentes a Santo André (Raul de Andrada e Silva), Casa Branca (Maria Aparecida Pantoja), Franca (Maria da Conceição Martins Ribeiro), Catanduva (Olga Pantaleão), Poços de Caldas (Beatriz de Carvalho Ramos), Jaboticabal (Odilon Nogueira de Matos) e Marília (do próprio Monbeig). O curioso a observar é que tais monografias, modestas como de estudantes que todos éramos (afora a de Monbeig, é claro), permanecem, meio século depois, não só válidas pelo seu pioneirismo, como, na verdade, as únicas que até hoje foram elaboradas sobre as mencionadas cidades.

Quanto à geografia dos transportes e das comunicações, cumpre ressaltar a valiosa contribuição do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, da qual permito-me destacar a monografia de Everardo Backeuser intitulada *Da Trilha ao Trilho*, indispensável para o conhecimento dos transportes na terra fluminense.

Uma consulta aos cinco volumes do Nono Congresso Brasileiro de Geografia mostrará imensa riqueza de temas, quase todos originais, tratando a geografia de maneira racional e científica como havia muito já se fazia em outros países. A registrar, ainda, entre as centenas de comunicações apresentadas, um verdadeiro livro, *O Homem e o Brejo*, de Alberto Ribeiro Lamego, que veio a se tornar o primeiro volume de sua tetralogia fluminense, complementada por *O Homem e a Guanabara*, *O Homem e a Restinga* e *O Homem e a Serra*.

Foi uma pena que tais congressos de Geografia não tivessem continuidade. É verdade que, a partir da década de 50, coube à Associação dos Geógrafos Brasileiros, através de suas "assembléias anuais" dinamizar a pesquisa geográfica, especialmente no âmbito da geografia regional, num trabalho altamente meritório que está a merecer quem o recorde e o registre. (Odilon Nogueira de Matos).